



V Jornada Brasileira de Sociologia

Desafios, dilemas e oportunidades nas sociedades democráticas

Novembro, 2017, Pelotas/RS

Cidade, tecnologia e controle

O cotidiano e a cidade no Passo dos Negros

O cotidiano e a cidade no Passo dos Negros

Julia Rocha Clasen¹

Joanna Munhoz Sevaio²

Este trabalho apresenta uma breve análise teórica sobre o cotidiano e suas conexões com a vida na cidade, suas dinâmicas e características próprias. Busca-se, através disso, identificar um panorama da produção científica feita no país sobre este conceito de múltiplas significações, em que ganhou relevância a obra do sociólogo José de Souza Martins. Posteriormente, tais categorias analíticas – cotidiano e cidade – foram utilizadas como critérios de observação da região do Passo dos Negros, localizada na cidade de Pelotas - Rio Grande do Sul. Foram realizadas duas saídas de campo coletivas, nas quais foram empregadas as técnicas de entrevista aberta e de diário de campo como recursos metodológicos qualitativos. O presente trabalho é resultado das observações de duas pesquisadoras, estando munidas dos pressupostos teóricos supracitados. Como resultado parcial da pesquisa observa-se a existência de diferentes grupos habitando o lugar, que produzem ali diferentes narrativas sobre a cidade e que, por isso, estabelecem distintas relações com o espaço e com a história do lugar, partindo de também diferentes percepções sobre o cotidiano.

Palavras-chave: cotidiano; cidade; urbano; Passo dos Negros; conflitos.

¹Graduanda, Universidade Federal de Pelotas (Ufpel), classenjulia1@gmail.com.

²Graduanda, Universidade Federal de Pelotas (Ufpel), jmsevaio@gmail.com.

1. Introdução

O Passo dos Negros se localiza na cidade de Pelotas- Rio Grande do Sul, região que teve sua história marcada por disputas políticas devido sua localização, que era relevante para a economia do estado, sendo local de importação e exportação de mercadorias. Ao longo do século XVIII sofre intervenções no sentido de expansão do domínio colonial, instalando-se latifúndios voltados principalmente para a produção do charque caracterizando assim a economia local. Foram desenvolvidas aproximadamente 40 indústrias charqueadoras as margens do canal São Gonçalo e do Arroio de Pelotas durante a década de 1770 .

O primeiro traçado urbano da cidade foi na região do Passo dos Negros, impossibilitado devido à proximidade com a produção do charque e insalubridade da região, local que se destinou para moradia dos escravos. Os casarões da elite charqueadora organizaram-se de acordo com a indústria do charque, sendo construídos distante das charqueadas, no entanto perto o suficiente para controle da produção.

A alusão acerca da formação da cidade de Pelotas é construída a partir de uma negação do seu passado, ignorando a utilização da mão de obra escrava para enriquecimento da elite charqueadora e enquanto formadora da cidade. A participação dos negros é negada na construção do patrimônio histórico da cidade e concomitantes a isso são exaltadas figuras públicas da aristocracia local. Vemos presente a naturalização de uma história recontada e educada para construção de uma imagem positiva acerca da indústria do charque.

A naturalização destas narrativas, que exaltam menciona visão hegemônica do passado, consequentemente suprime a escravidão, as relações desiguais, as relações de gênero; grupos inteiros passam a ter suas memórias exiladas. O passado negro da cidade se tornou indigno de relato, motivo para vergonha, escondendo consigo as origens de comunidades que estão atualmente marginalizadas (GUTIERREZ, 2001 p.219)

Atualmente o Passo dos Negros configura-se no Plano Diretor da cidade de Pelotas enquanto uma área de preservação ambiental. Região que sofre ameaça pelo poder público de retirada dos moradores que residem naquele local durante gerações.

Com uma ostensiva especulação imobiliária, colocando em foco contradições decorrentes do modo de produção capitalista.

O conceito de cotidiano demonstra-se relevante para este trabalho como método de observação e interpretação do Passo dos Negros, buscando assim observar o circunstancial da sociedade moderna. Investigando o considerado “irrelevante” e aquilo que passa despercebido na análise social. Busca-se compreender a historicidade dessas ações, assim como, as estruturas sociais presentes na cotidianidade.

A cotidianidade se impôs como manifestação do tempo dessa perdição. A busca do tempo perdido na Sociologia da vida cotidiana, é a busca do tempo perdido, da História, do atual como história, do possível que se esconde na falsa temporalidade do tempo das ações sociais reduzido ao agora, ao viver o instante, ao mero sobreviver. É o tempo do dia a dia, de um dia depois do outro, sem passado nem futuro. Mas é, também a busca e a compreensão do tempo perdido que se oculta nas estruturas sociais profundas (...) (MARTINS, 2014 pg. 9-10)

A região vai localizar-se distante do centro da cidade, aspecto este que reflete na caracterização do espaço. Sendo possível observar relações rurais ainda presentes no Passo dos Negros. É necessário distinguir-se também os conceitos de periferia e subúrbio, conceitos esses que muitas vezes são utilizados como uma só categoria de oposição ao centro da cidade e ao urbano. Essa ausência de conceituação reflete a descaracterização de outros aspectos das relações sociais estabelecidas no espaço, além da hegemônica. Para tanto o conceito de subúrbio é discutido a partir de José de Souza Martins, que explora esse conceito em suas obras: *Subúrbio* (1992), *A sociabilidade do homem simples* (2000), *A aparição do demônio na fábrica* (2008).

A periferia se define pela sua condição de dependência do centro. O subúrbio seria apenas uma variação da periferia, um pouco mais urbanizada. O conceito de subúrbio se perde, desaparece nas pequenas cidades, aparece como um atributo exclusivo dos centros urbanos complexos. E mais do que isso, o subúrbio representaria a fragmentação e o caos urbano. O subúrbio é um território indefinido e em transição. Um território potencialmente urbano, mas que ainda não o é. Que pode ser ocupado pelo crescimento urbano anárquico ou planejado. O subúrbio é à margem do urbano (SOTO, 2008 p. 114)

Henri Lefebvre em seu livro *O direito à cidade* (1968), apresenta a importante distinção entre *habitat* e *habitar*. O *habitat*, representando a necessidade básica de habitação, se refere ao espaço enquanto um espaço de moradia. Por outro lado, o *habitar*, atributo original da vida urbana, simboliza a apropriação, do espaço físico e do ambiente social para a vivência individual, esse espaço também com um valor de uso. No entanto, em um contexto capitalista precisamos nos indagar quem tem direito a habitar de fato a cidade?

2. Metodologia

Esta estabelecido neste trabalho profundo diálogo com a antropologia, ao buscar nesta, referenciais de técnicas e métodos de pesquisa adotados durante idas a campo que buscavam observar o cotidiano do Passo dos Negros, utilizando-se de recursos como diário de campo e entrevistas abertas, compreendendo as narrativas dos moradores daquele espaço enquanto indispensáveis na construção desta pesquisa. Não sendo estas apenas informações, mas sujeito constitutivo na compreensão do problema investigado.

Para o acontecimento da pesquisa a inserção no Passo dos Negros se deu a partir de relações anteriormente estabelecidas por um grupo de professores e alunos da antropologia que desenvolvem ações naquela região durante o período de quatro anos, estando também supracitada por produção científica sobre o Passo dos Negros, buscando em suas observações reconhecer os diferentes grupos ali presentes.

Os registros fotográficos são entendidos para essa pesquisa como método de compreensão do espaço, sendo a etnografia proposição metodológica adotada neste trabalho. A captura da imagem se preocupa em registrar o invisível ali presente. Compreende-se assim, a imagem enquanto recurso de pesquisa e de apreensão, contendo intervenção de diferentes sujeitos presentes nesse ato.

Não só a realidade social é constituída, também, de silêncios e invisibilidades que ampliam enormemente a distância entre essas certezas e o que se sabe que a sociedade teoricamente é. Como a fotografia é muito mais um documento impregnado de fantasia, tanto do fotógrafo quando do fotografado, quanto do “leitor” de fotografia, do que de exatidões próprias da verossimilhança. O que o fotógrafo

registra em sua imagem não é só o que está ali presente no que fotografa, mas também, e sobretudo, as discrepâncias entre o que pensa ver e o que está lá, mas não é visível. (MARTINS, 2016 p.28)

A imagem apresenta-se enquanto instrumento de indagação da realidade, atentando mais aos questionamentos que para respostas acerca do objeto observado. Desta forma o ato de fotografar vai ocorrer junto com uma intenção do fotógrafo. Este instrumento etnográfico compõe o levantamento para análise crítica das contradições identificadas, além de reafirmarem questionamentos que impulsionam o recorte inicial do tema de pesquisa: Quais as contradições insurgentes do capitalismo no cotidiano do Passo dos Negros?

É necessário considerar a presença de pesquisadores ali enquanto interferentes no processo de pesquisa, ao longo da pesquisa os moradores incorporaram falas daqueles ali presentes em suas narrativas. Refletindo uma distorção da realidade, resultada da presença de grupos que não compõe o cotidiano daquele espaço. Entendendo que a própria relação entre o pesquisador e o grupo observado é uma relação de interferência na pesquisa, ocorre um esforço de compor aquele espaço buscando romper com o estranhamento decorrente da sua presença ali.

As narrativas utilizadas enquanto instrumento de compreensão do local pesquisado partiram de entrevistas abertas com os moradores; o que tornou possível para a experiência etnográfica a identificação de grupos que ocupam aquele espaço de distintas formas.

3. Resultados e Discussão

A autora realizou entrevistas com diferentes moradores do Passo dos Negros, que se instalaram ali em diferentes momentos. Apresentando assim distintas interpretações sobre a própria história do Passo dos Negros – que é evidenciado ao longo da pesquisa enquanto uma forma de habitar o espaço. No entanto, em suas narrativas o Engenho Pedro Osório aparece enquanto elemento central, permanecendo presente tanto na paisagem quanto na memória dos moradores. Observa-se a relação

histórica dos moradores com o Passo dos Negros, enquanto uma forma de afirmação do seu direito a cidade.

Com o fim da mão de obra escrava instala-se no Passo dos Negros o Engenho Pedro Osório, expressivo engenho de arroz do estado. Representando uma presença marcante de trabalhadores que habitavam aquele espaço enquanto um espaço de moradia também. O engenho contava com uma escola dentro de suas instalações – Escola Visconde de Mauá, representando assim o estabelecimento de relações que se mantinham na região que era tanto de trabalho quanto pedagógico e de moradia.

Em um primeiro momento foram observados diferentes grupos presentes no Passo dos Negros, primeiro um grupo de moradores que esta ali há mais tempo e com se ‘autoreferenciam’ parte daquela história, segundo grupo seria de pescadores os quais tem importante relação com o lugar devido ao seu trabalho, terceiro grupo de moradores com casas construídas em sua maioria de madeira e material reciclável e ao lado destes o quarto grupo, com um grande muro verde que demarca o condomínio de luxo Lagos de São Gonçalo. O quinto grupo são moradores da alta elite que residem em casarões, com um mesmo padrão de construção - um portão extenso envolvendo uma longa estrada que direciona para a casa que assemelha-se a antigos casarões.

A partir da percepção destes diferentes grupos de moradores foi observado também diferentes construções do cotidiano naquele espaço. O cotidiano no Passo dos Negros não sendo um só, assim como a relação o a cidade ali presente irá variar de acordo com cada grupo social que ocupa aquele espaço.



Figura 1: Passo dos Negros. Fonte: Acervo da autora, 2017

Foram estabelecidos contatos com distintas narrativas acerca do Passo dos Negros, nas quais estavam presente tanto a história do lugar quanto relatos acerca da ameaça de retirada das suas moradias daquela região, estas narrativas apresentaram importantes dados no sentido de compreensão da relação dos moradores com o Passo dos Negros. Um dos primeiros moradores contatado se autorreferencia enquanto “guardião” do Passo dos Negros pela localização da sua casa ali durante gerações, localizada próximo ao Engenho Pedro Osório e ao muro que lhes divide do luxuoso condomínio ali presente. Outro morador contatado em sua narrativa afirma: “tem que colocar uma pedra na entrada para dizer –aqui está o Passo dos Negros”, refletindo a resistência daquela comunidade quanto ao apagamento da sua história que se reafirma nas tentativas de mudança do nome “Passo dos Negros” por “Estrada do Engenho”.

Observa-se formas de sobrevivência a ofensiva capitalista que ameaça a retirada daqueles moradores da região, região esá que reflete um “esquecimento” público quanto a condições básicas e de infraestrutura, refletindo relações contraditórias do capitalismo que nega condições básicas de sobrevivência e visando o lucro e grandes investimentos ameaça a retirada do direito de morar daqueles que ocupam aquele espaço durante gerações.

4. Considerações Finais

Nesse sentido, quando observamos o Passo dos Negros podemos também perceber diferentes formas de Habitar o urbano. Sendo essencial compreender a constituição da cidade a partir das relações sociais estabelecidas, muito decorrentes do desenvolvimento do capitalismo e de relações de conflito acerca dos diversos grupos que residem na região. Desenvolvimento este que se demonstra muito mais enquanto um ‘contra desenvolvimento’, na medida em que tem como consequência excluir da garantia de direitos essenciais à manutenção da vida grande parte da população. No entanto, estes ditos excluídos estão incluídos de maneira precária, a partir do mercado de consumo e como essenciais a reprodução do capitalismo. Sendo esta uma inserção crítica não apenas econômica, mas também social, cultural e política; o que se faz perceptível no Passo dos Negros através da configuração do espaço urbano enquanto reflexo das desigualdades socioespaciais.

O Passo dos Negros constitui resistência do cotidiano diante das contradições capitalistas, onde grupos de pessoas tem suas casas retiradas de um espaço que construíram ao longo dos anos, tendo não apenas seu direito a moradia negado, mas suas condições de habitar o espaço também.

Portanto ficam ressaltadas ao longo da pesquisa, em diferentes narrativas, o pertencimento muito presente nos moradores assim como relações de conflito presentes. Esta leitura só se faz possível através de uma análise onde a interpretação da realidade não só se dá a partir do invisível mas torna outro modo de vida possível e inteligível. A pesquisa ratifica a constituição do cotidiano partindo de um perímetro urbano que não se faça na borda das cidades, mas a partir dela. No seu sentido questionador de um modo de produção excludente e contraditório.

REFERÊNCIAS

Livro

GUTIERREZ, Ester J. B. Negros, Charqueadas e Olarias: Um estudo sobre o espaço pelotense. 2. Ed. Pelotas: Ed. Universitária Ufpel, 2001.

LEFEBVRE, Henri. Direito à Cidade. São Paulo: Editora Centauro, 2001.

MARTINS, José de Souza. Sociologia da Fotografia e da Imagem. São Paulo: Editora Contexto, 2007.

MARTINS, José de Souza. Uma sociologia da vida cotidiana – ensaios na perspectiva de Florestan Fernandes, de Wright Mills e de Henri Lefebvre. Editora Contexto: São Paulo, 2014 224p.

Artigo

ALFONSO, Louise Prado; RIETH, Flávia. Narrativas de Pelotas e Pelotas Antiga: a cidade enquanto Bem Cultural. SCHIAVON, Camen Burget; PELEGRINI, Sandra de Cássia. (Org.). Patrimônios plurais: iniciativas e desafios. Rio Grande: Editora da FURG, p. 131-147, 2016.

FELTRAN, Gabriel. Periferias, direito e diferença: notas de uma etnografia urbana. Revista de Antropologia, v. 53, n. 2, p. 565-610, 2010. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ra/article/view/37711/40440>.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Etnografia como prática e experiência. Horiz. antropol. vol.15 no.32 Porto Alegre July/Dec. 2009

MARTINS, José de Souza. A aparição do demônio na fábrica – origens sociais do eu dividido no subúrbio operário. São Paulo: Ed. 34, 2008.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 377-391, jul./dez. 2014

RIFIOTIS, Theóphilos. Violência e poder: avesso do avesso? FREIRE NOBRE, Renarde (org.). O poder no pensamento social: dissonâncias do mesmo tema. Belo Horizonte: Editora UFMG/Capes, pp. 153-173, 2008.

SEGER, D ; PEREIRA, I. K. S. ; ARAUJO, J. M. ; ALFONSO, L. P. . Passo dos Negros: significados, conflitos e modos de habitar de uma região que impulsionou o desenvolvimento e acabou se tornando periférica. In: IX Reunión de Antropología del

Mercosur, 2015, Montevideo. Anais da IX Reuni3n de Antropolog3a del Mercosur, 2015.

SILVA, Marcella Carvalho de Araujo. A transforma33o da pol3tica na favela: desconstruindo a “aus4ncia do Estado”. Antropol3tica, Niter3i, n. 38, p. 299-319, 2015.

Dispon3vel em: <http://www.revistas.uff.br/index.php/antropolitica/article/view/343/207>.

SOTO, William H3ctor G3mez. Sub3rbio, periferia e vida cotidiana. Estudos Sociedade e Agricultura, abril 2008, vol. 16 no. 1, p. 109-

131. ISSN 1413-0580.

